UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS SOCIOFILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

RODRIGO RAFAEL VALENÇA

A NORMOSE INFORMACIONAL EM DISCENTES DE PEDAGOGIA – UFPE: UM ESTUDO DE CASO

Recife
2023

RODRIGO RAFAEL VALENÇA

A NORMOSE INFORMACIONAL EM DISCENTES DE PEDAGOGIA – UFPE: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 22/09/2023

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Rui Gomes de Mattos de Mesquita (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof.ª Dr.ª Clarissa Martins de Araújo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. MSc. Leandro Wagner de Albuquerque da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Valença, Rodrigo Rafael.
A normose informacional em discentes de Pedagogia - UFPE: um estudo de caso / Rodrigo Rafael Valença. - Recife, 2023.
23 p.

Orientador(a): Rui Gomes de Mattos de Mesquita
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Pedagogia - Licenciatura, 2023.

1. Normose Informacional. 2. Discentes de Pedagogia. 3. Dispositivos Eletrônicos. 4. Experiência. 5. Universidade Federal de Pernambuco. I. Mesquita, Rui Gomes de Mattos de. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

A NORMOSE INFORMACIONAL EM DISCENTES DE PEDAGOGIA – UFPE: UM ESTUDO DE CASO

Rodrigo Rafael Valença[1]

Rui Gomes de Mattos de Mesquita[2]

RESUMO

O presente artigo procura investigar a Normose Informacional em discentes de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, um fato social que acomete as pessoas e produz adoecimento. Para tal, desenvolveu-se um estudo de caso de acordo com Freitas e Jabbour (2010) utilizando-se a abordagem qualitativa em consonância com Bauer, GasKell e Allum (2008), sendo realizadas e analisadas três Entrevistas Narrativas nos moldes indicados por Jovchelovitch e Bauer (2011) com estudantes do referido curso, observando-se as questões de exposição destes aos dispositivos eletrônicos e desenvolvendo-se a análise dos discursos sobre suas experiências. Com base em autores como Larrosa (2003), Weil (*et al*, 2003) e Benjamin (1996), as informações obtidas a partir dos relatos experimentados no fenômeno pandêmico que demandou um novo formato de aulas então associadas a uma excessiva exposição dos mesmos às telas destacaram o entristecimento percebido nos protagonistas da pesquisa, evidenciando que a Normose Informacional existe e é um acontecimento deveras preocupante, merecendo ser objeto de outras pesquisas em diversos contextos e sujeitos a fim de produzir mais conhecimentos a respeito de um acontecimento tão ímpar, mas tão pouco conhecido.

Palavras-chave: Normose Informacional. Discentes de Pedagogia. Dispositivos Eletrônicos. Experiência. Universidade Federal de Pernambuco.

1. INTRODUÇÃO

Sendo discente do curso de Pedagogia da UFPE, senti enormes dificuldades em me adaptar ao novo dispositivo de ensino adotado no período de pandemia (2020-2022), o ensino remoto. Essas dificuldades se apresentaram como sensações de tristeza constante e ecos de ansiedade percebidos por mim e em mim, potencialmente como frutos da exposição excessiva aos aparelhos eletrônicos, causando sentimentos de profunda decepção com a situação. Doenças como a ansiedade não são fenômenos isolados, posto que são complexos e acometem um número crescente de indivíduos na contemporaneidade[3].

[1]Graduando 2023.2 do Curso de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. E-mail: <rodrigorafaelvalenca@gmail.com>.

[2]Professor do Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação (DFSFE) – Centro de Educação – UFPE. E-mail: <rui.gmmesquita@ufpe.br>.

[3]De acordo com reportagem da ONU (Organização das Nações Unidas), houve uma alta de 25% nos casos de ansiedade e depressão à época de pandemia, ainda em seu primeiro ano. A matéria mostra ainda que os mais jovens são afetados de forma desproporcional, com maior risco de comportamentos autodestrutivos ou suicidas. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/03/1781502>. Acesso em: 11 mar. 2023.

Tangencia esse quadro o fato de que, por força da ação de uma cultura econômica opressora – na qual todos estamos inseridos –, somos cada vez mais provocados a desenvolver produtividade, reduzir custos e tempos operacionais, realizando um movimento de ajustarmo-nos a um cotidiano cheio de novidades nem sempre benéficas. Tal situação é o que tem gerado em muitos jovens diversos problemas, tais como episódios de depressão, solidão, confusão. Alves (*et al*, 2015, p. 133, grifo do autor) nos ajuda a entender e nomear esse fenômeno, comunicando que

> [...] numa sociedade que atravessa constantes mudanças, é comum o surgimento de ansiedade. Os sujeitos estão cada vez mais propensos a desenvolver doenças físicas e mentais, por conta do fluxo informacional persistente, de acordo com o contexto no qual estão inseridos. [...] A adequação do sujeito em meio a tantas exigências que são dispostas por diversas culturas vem sendo conceituada de 'normose'.

Esta pesquisa procura produzir entendimento a respeito da Normose Informacional em discentes de Pedagogia – UFPE durante o período de ensino remoto no contexto da pandemia.

A Normose Informacional é um fenômeno complexo que tem efeitos tanto para o bem como para o mal. De um lado, existe a possibilidade de uma mais efetiva tomada de consciência levar-nos a compreender melhor o mundo que nos rodeia, a partir do aprendizado de novas experiências, nos conectando com outros lugares, outras pessoas ao redor do mundo. De outro, pode trazer experiências de saturação, sobrecarga de informações, estresse. A partir destas reflexões iniciais, levantei o questionamento: Como as práticas tecnocráticas de ensino remoto durante a pandemia afetaram e influenciaram o surgimento da Normose Informacional em discentes do curso de Pedagogia na UFPE?

O cenário de pandemia se fez formal para nós discentes da UFPE e que iniciamos a vivência do período em questão aos exatos 16/03/2020, momento quando as aulas foram suspensas e fomos orientados a permanecer em regime de distanciamento social nas nossas residências, num primeiro instante. A partir disso, sendo o formato remoto utilizado como uma

> [...] nova abordagem educacional híbrida [...], modalidade educacional específica, diferenciada e paralela ao ensino presencial [...] em março de 2020, sem planejamento prévio, a sociedade brasileira obrigou-se a fechar as portas das suas escolas para a presença física de seus estudantes, buscando desenvolver novas alternativas para a oferta de atividades educacionais não presenciais (Brasil, 2020, pp. 4-6).

Após o Ministério da Educação (MEC) se pronunciar sobre a não interrupção das atividades escolares autorizando um novo formato de aula a ser utilizado nas diversas modalidades educacionais, possibilitando o ensino remoto como alternativa de continuidade

do desenvolvimento das atividades de ensino em resposta ao isolamento social no período pandêmico por meio de parecer CNE/CP Nº 05/2020 (*idem*, 2020) do Conselho Nacional de Educação (CNE), a Pró-Reitoria de Graduação da UFPE (PROGRAD), em portaria de Nº 23/2000, produziu um documento que autorizou a flexibilização do formato das aulas, que até então eram presenciais e a partir desta resolução se fizeram remotas nos tempos críticos, vigentes entre março de 2020 e dezembro de 2022.

Com aulas à distância, materiais didáticos em formato exclusivo de arquivos digitais e conteúdos readaptados para uma situação bastante específica, houve uma demanda ainda maior por dispositivos eletrônicos que permitissem o acesso à rede mundial de computadores por parte dos discentes.

Destarte, dispositivos eletrônicos tais como computadores, celulares e/ou *tablets*, se tornaram ainda mais urgentes para dar sequência às aulas, o que culminou com uma exacerbação da exposição diária dos discentes às ferramentas eletrônicas de mediação no ensino-aprendizagem. Sabendo que "as práticas de mediação são variadas e estão amplamente presentes em nosso cotidiano" (Mesquita, 2022, p.17, tradução nossa), buscando maior entendimento sobre o dispositivo eletrônico e aproximando sua relação com a complexidade da tecnocracia, acompanho a compreensão de Agamben (2005, p.09) no que se refere à definição de dispositivo, que entende ser o mesmo

> [...] um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.

Sentindo afetação e, portanto, atento ao fenômeno abordado, pude perceber no cotidiano do Centro de Educação – agora com aulas transmitidas integralmente por dispositivos eletrônicos diretamente nas residências dos estudantes e em imersão prolongada, com exposição às telas frequentemente ultrapassando 12 horas diárias ou mais – que, provavelmente, a Normose aí se manifesta como produto de práticas corriqueiras desenvolvidas por uma parcela de discentes do curso de Pedagogia e que se intensificaram no período de isolamento social. Este me parece um problema bastante relevante, haja visto que me refiro aos efeitos nocivos por mim e em mim percebidos ao intervalo pandêmico em futuros professores possivelmente acometidos por uma patologia que é "aceita" e concomitantemente "invisibilizada" no cerne da nossa sociedade, e sob os auspícios dos avanços tecnológicos se reinventa a todo instante num ritmo frenético e ditado por valores normatizantes do Mercado.

Todos vivemos sob a égide de um regime capitalista cujas bases econômicas se encontram a serviço desse Mercado, agente indutor cultural e obediente a padrões especulativos de movimentações econômicas que literalmente e sempre devem satisfazer às necessidades de auto reprodução/auto regulação do capital, sem levar em conta especificidades dos seres humanos, apenas tendo como foco a sua "evolução", justificada por ser o motor do desenvolvimento social. E esse motor do desenvolvimento social simplesmente não pode parar pois seu mecanismo (hipoteticamente) nos eleva à condição de uma modernidade que traz consigo o progresso como valor indiscutível.

Modernidade essa sobre a qual Dussel (1993, p.10), em sua crítica ao encobrimento do outro, vai deixar a seguinte reflexão:

> Qual deveria ser nossa opção racional ou ética diante de um fato que é um marco na história mundial certamente, mas banalizado pela propaganda, pelas disputas superficiais ou pelos interesses políticos, eclesiásticos ou financeiros?

Entendo aqui que a opção racional seja a de também investigar as caracterizações das condições normóticas que se fazem necessárias compreender.

Para tanto, em pesquisa na plataforma Google Acadêmico, percebeu-se que o tema em questão carece de pesquisa da condição normótica em discentes de Pedagogia. Ao digitar "Normose Informacional Estudantes" na caixa de diálogo e definir o intervalo entre 2018-2023, constaram aproximadamente 35 resultados. Alguns estudos relacionavam discentes de cursos como Biblioteconomia (Correia, 2022), Enfermagem (Costa *et al*, 2022), Turismo (Silveira *et al*, 2020), dentre outros, mas nenhum relacionava discentes de Pedagogia.

Buscando informações na plataforma ANPED, digitei as mesmas palavras-chave da busca anterior e para minha surpresa, nenhum trabalho foi encontrado. O mesmo resultado encontrei na plataforma *Scielo*. Portanto, penso ser pertinente o desenvolvimento desse trabalho a fim de ampliar o entendimento dessa manifestação nos mais diferentes sujeitos. A partir destas constatações, busquei minha experiência nesse tema por volta do último trimestre do ano de 2019, quando me impactou assistir a uma palestra de Roberto Crema, intitulada "Normose: a patologia da normalidade" (Crema, 2018). Com isso em mente, fiquei a imaginar as diversas formas de adoecimento existentes, seus contextos e motivos.

Nada convencional, este assunto causa estranheza até para pessoas que tenham distinto conhecimento na área da Psicologia, visto que esta patologia, especificamente, não consta na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID). A Normose é denominada como

> [...] o resultado de um conjunto de crenças, opiniões, atitudes e comportamentos considerados normais, logo em torno dos quais existe um consenso de normalidade, mas que apresentam consequências patológicas e/ou letais (Weil, 2000, p. 62).

Neste sentido, este trabalho busca ampliar a compreensão sobre o que seja a Normose, ao mesmo tempo em que discute sua existência e possíveis formas de lidar com esta doença, levando em conta sua manifestação em discentes no curso de Pedagogia da UFPE.

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar a ocorrência da Normose Informacional em discentes de Pedagogia – UFPE no período pandêmico de COVID-19 (2020-2022). Seus objetivos específicos são: compreender possíveis manifestações de Normose Informacional vivenciadas pelos discentes no período mencionado; analisar a relação entre a intensificação do uso de dispositivos eletrônicos no período da pandemia e o surgimento da Normose Informacional entre os discentes de Pedagogia – UFPE; compreender como as práticas tecnocráticas dispostas durante o ensino remoto influenciaram na possível evolução ou agravamento da Normose Informacional nos discentes.

A Normose Informacional é um acontecimento que preocupa bastante e pode se transformar em um problema muito sério no contexto da formação de futuros docentes. Compreender suas manifestações em discentes de Pedagogia na UFPE se torna o fulcro desta pesquisa a fim de identificar eventuais problemas e possibilitar o desenvolvimento de estratégias de intervenção. Ademais, a pesquisa sobre esse tema em específico é escassa, o que transforma este estudo em uma contribuição ímpar para o certame da Pedagogia. A seguir, discuto o marco teórico desta pesquisa.

2. MARCO TEÓRICO

Algumas características que podem ser observadas nas origens das manifestações normóticas, em especial a Informatose – que dá nome à patologia desenvolvida pelo excesso de informações e diz respeito a uma das duas denominações da Normose Informacional[4] –, são descritas por Weil (2000) como: isolamento e

[4]Segundo Weil (2000, p. 62), “no que se refere aos aspectos patogênicos, podemos classificar estes em duas categorias, a informatose e a cibernose. A informatose é um termo que criamos para designar distúrbios ou mesmo doenças causados por excesso de fluxo de mensagens informacionais em relação a um só receptor, isto é, a uma só pessoa. Quanto ao termo “cibernose”, ele foi criado por um psicosociólogo francês, Van Bockstaele, para designar nós de estrangulamento nas comunicações, mais especialmente durante uma situação experimental que ele chamava de socioanálise, um método de dinâmica de grupo.” Neste trabalho, estou abordando a questão da informatose.

desmembramento familiar, dissonância cognitiva entre aspiração e capacidade real de absorção da informação, ligação sutil computador-ser humano, neurose virtual e a questão da divulgação da violência.

Afinal, o que nos é dado a sentir, dado a pensar, quando temos em mente um ambiente adoecedor, normótico? Para desenvolver essa questão, se faz necessário apontar que a forma como as sociedades delimitam as suas categorias hierárquicas se constitui em um modelo sensível de formatos diversos de comunicação cuja descrição poderá dar origem a distintos paradigmas de percepção, sejam eles visíveis ou invisíveis (Ranciére, 2005).

Partindo da concepção de estética em *Partilha do Sensível*, Ranciére (*idem*, p.16) delimita que a mesma "[...] é um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência." A movimentação realizada pelos discentes à época da pandemia em busca de adequação necessária para a continuidade dos estudos sofreu o recorte dos tempos e dos espaços. Dito que "a revolução estética transforma radicalmente as coisas: o testemunho e a ficção pertencem a um mesmo regime de sentidos" (*idem*, p. 57) ou seja, perceber as sutilezas que essa situação em particular gerou por meio das reações normóticas verificadas, se tornou o desafio posto a ser por mim trabalhado.

Através dos tempos e espaços, o que fica latente é a multiplicidade dos fatores que colaboram tanto para a instalação como para a constatação do objeto. O que pode estar visível ou não vai depender dos valores ideológicos em cada momento. Ao nosso tempo, esses valores podem ser percebidos como resultado da naturalização de costumes que são efetivamente prejudiciais.

Avançando para a concepção da política, percebe-se que esta "[...] ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo" (*ibidem*, p.17). Definindo tempo, espaço e sujeitos, pode-se inferir características às acepções em destaque. O que se pode ou não ver ou dizer, deve passar pelo crivo político, igualmente baseado nas premissas ideológicas e valores culturais de cada situação temporal.

Para a estética e para a política, valores qualitativos e quantitativos podem ser percebidos como meios para fundamentar essa percepção. Qualidade e quantidade estão para as propostas acadêmicas como o ar está para os pássaros ou a água está para os peixes, de forma que também devem estar em sintonia e em movimentação constante para que o desenvolvimento das diversas capacidades interpretativas seja contínuo, profícuo e seus processos adaptativos deem vazão às diferentes questões predominantemente contraditórias que surgem neste contexto.

Questões estas que, no teor da Normose, adquirem (ou não) a visibilidade necessária para a tomada de medidas reflexivas no âmbito institucional. Como então, diante de tantas dificuldades de se pôr um termo que satisfaça a compreensão generalizada do objeto, retomarmos o sentido verdadeiro outrora transmutado em *sensibilidades insensíveis*? Uma das caracterizações do objeto está nos primórdios de como "essa *suspensão* do valor negativo do trabalho tornou-se, no século XIX, a afirmação de seu valor positivo como forma de efetividade comum do pensamento e da comunidade" (*Ranciére*, 2005, p. 66, grifo do autor).

Portanto, a partir do raciocínio acima pode-se perceber como a lógica de Mercado ideologiza – de forma perniciosa, diga-se –, já em século pregresso, para formar, transformar e conformar o posicionamento dos valores negativos laborais em valores positivos, subvertendo assim a cadência racional de possibilidades de interpretação dos sentimentos sem que a sociedade se aperceba da desvirtuação de sua alteridade ou mesmo de sua capacidade reflexiva.

Se faz pertinente compreender que "é sempre uma distribuição polêmica das maneiras de ser e das 'ocupações' num espaço de possíveis" (*ibidem*, p.63, grifo do autor) que vai nortear qualquer estética favorável aos posicionamentos e críticas construtivas sobre a Normose e suas sensibilidades no espectro da compreensão ao nível acadêmico.

A experiência da Educação em tempos de pandemia trouxe avanços e retrocessos. Todos os atores precisaram se adaptar ao novo formato, ao passo que essa movimentação também trouxe consigo a evolução de situações relacionadas a sentimentos ruins, tristeza, dor. Nesse sentido, Brandão (2007, p.12) informa que o mesmo processo educativo que almeja formar, pode estar agindo ao contrário do que se espera, já que

> A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros [...] mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer [...].

Larrosa contextualiza a formação do educador a partir de uma certa dinâmica de liberdade de pensamento e escrita, quando diz que

> Formar significa, de um lado, dar forma e desenvolver um conjunto de disposições preexistentes. Por outro, levar o homem até a 'conformidade' em relação a um modelo ideal do que é 'ser humano' que foi fixado e assegurado de antemão (Larrosa, 2003, p.12, grifos do autor).

Disposições preexistentes e conformidade. Dois pontos necessários à evolução da Normose, a partir do momento em que estes entram em conflito no sujeito, que está buscando finalmente meios para se desenvolver e "ser humano", nesse caso, por meio dos estudos. Essa busca se vê bloqueada a partir de quando o sujeito percebe, sente algo errado na sua condição em relação às diversas situações cotidianas. Instituições de ensino superior consideram que o ensino remoto trouxe benefícios[5] pois permitiu que as aulas pudessem acontecer mesmo em condições de isolamento social. Mas, e quanto às pessoas que, por motivos os mais diversos, não conseguiram desenvolver, porventura, uma saudável relação com a situação acadêmica então imposta e a partir disso adoeceram?

Aquelas pessoas que, ou por causa dos excessos de exposição aos dispositivos eletrônicos, ou pelo fato de não disporem desses dispositivos, não conseguiram dialogar consigo mesmas e sucumbiram à Normose? Essa experiência educacional foi unânime quanto aos benefícios?

Larrosa (2003) passeia pela descoberta de si como um artefato valioso para a descoberta do outro, por meio da escrita, partindo de seu relato sobre Rousseau e como este, em seus escritos, conseguiu refletir sobre o *eu* e de que formas a escrita vai libertar o *eu* desse mesmo *eu*, a partir de uma tomada de consciência que se fez tão simples quanto inesperada: tropeçando e caindo em um bosque, contrapondo o ser e o parecer, percebendo e finalmente lutando contra o orgulho de si, ser escritor ocultava o verdadeiro Rousseau de si mesmo.

A Normose é esse "hiato" que surge entre o formar e o conformar. Enquanto com a maioria das pessoas a formação pretende conformar o sujeito a determinada situação, na Normose essa mesma formação não consegue vínculo com a conformação, podendo descambar numa resposta corporal muito perigosa, qual seja dentre outras, a ansiedade. É essa incapacidade de se adequar ao que está (im)posto, essa frustração em não conseguir perceber a própria capacidade como uma ferramenta possível de lidar com aquilo que é tido com naturalidade pelos demais.

Por isso o indivíduo se bloqueia, porque existindo, sua capacidade não se adequa aos padrões de normalidade, trata-se de uma negação de si próprio, uma vez que sua potência se demonstra incapaz. Por sua vez, a naturalização dos sintomas do desgaste físico e psicológico vai colaborar com o encrudescimento das reações patológicas no ser.

Aqui, a "[...] experiência, entendida como algo vivido no transcurso do tempo [...]" (Jay, 2009, p.380, tradução nossa) me traz a seguinte reflexão: a modernidade modula a

[5]No caso na UNINTER, foi desenvolvida uma listagem com as cinco maiores vantagens do ensino remoto. Disponível em: https://deolhonofuturo.uninter.com/vantagens-do-ensino-a-distancia/. Acesso em: 23 abr. 2023

experiência, a experiência produz a Normose, a Normose reifica os pensamentos, os pensamentos se conformam com os medos das experiências, os medos dialogam com o esquecimento, o esquecimento produz as incertezas sobre o cotidiano, o cotidiano retroalimenta a Normose, a Normose se propaga na modernidade...

Portanto, compreender a experiência da Normose Informacional no meio acadêmico significa compreender também que é uma experiência parca em afetos e que "a resultante pobreza de experiência [...] significava um novo tipo de barbárie que envolvia muito mais do que o indivíduo, sugerindo, além disso, o esgotamento da própria cultura" (*Idem*, p. 381, tradução nossa), barbárie essa assentada como produto da pobreza do esgotamento cultural.

O *ethos* é um conjunto de costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. Ao *ethos* capitalista pode-se associar a influência de fatores como poder – "e o poder não é, muitas vezes, outra coisa que um *fazer calar*, através de uma linguagem que intimida e apequena" (Larrosa, 2003, p.p. 46-47, grifo do autor) –, labor, subjetividade, mas paradoxalmente não se pode associar estes fatores pelo motivo de que todos estes constituintes pressupõem um fim em si mesmos, correndo um risco de deslegitimação do pensamento ao passo em que a Normose vai se instalar a partir dessa mesma deslegitimação.

A Normose possui seu próprio *ethos*. Como tal, vai apresentar características distintas em seus constituintes, implícitas ou explícitas, a partir dos processos conflitantes que resultam deles. Estes processos tendem a gerar desajustes no corpo humano, e por sua vez esses desajustes se traduzem em sentimentos de negatividade, evoluindo para situações corporais extremas. Assim, cultura e comportamento assumem responsabilidade central na concepção da Normose.

A cultura vai definir o comportamento ou o comportamento vai definir a cultura? Buscarei aqui vislumbrar alguns aspectos culturais e comportamentais que a despeito de uma normalidade, disparam o "gatilho" que legitima a aparência, a sensação de uma situação normal. Sobre como as vicissitudes culturais operam, observa-se que

> Nesse contexto, os meios de comunicação de massa desempenham um papel central na conformação de um novo tipo de homem, seja de modo direto e deliberado, pela divulgação de produtos que induzem a criação de novas necessidades e estilos de vida pela publicidade, seja de modo indireto e subliminar, pelos conteúdos criados pela indústria cultural, no cinema, rádio e televisão (Silva, 2017, p. 61).

Nesta dimensão, se faz necessária a reflexão sobre “o espírito do capitalismo” (*cf*. Weber, 2004), ao qual Echeverría (2007, p.01, grifo do autor, tradução nossa) faz menção em relação com a branquitude, quando nos diz que

> O ‘espírito do capitalismo’ consiste assim na demanda ou petição que torna a vida prática moderna, centrada na organização capitalista da produção de riqueza social, de um modo especial de comportamento humano; de um tipo especial de humanidade, que seja capaz de se adaptar às exigências do melhor funcionamento dessa vida capitalista.

Lendo Echeverría (*idem*, p.02, grifos do autor, tradução nossa), que, em outro contexto, está preocupado com a questão da branquitude como equivalente à construção de um modelo universal de humanidade, pode-se depreender – em chave étnica e cultural – vínculos entre a Normose e certa ética capitalista e moderna do trabalho, portanto,

> Diferentes determinantes dos modos de vida tradicionais, diferentes subcodificações de sistemas semióticos e linguísticos herdados, diferentes usos e costumes pré-modernos ou simplesmente não modernos, enfim, determinações da “forma natural” dos indivíduos (singulares ou coletivos) são oprimidos e reprimidos sistemática e implacavelmente na dinâmica do mercado ao longo da história, no caminho que conduz a este "grau zero" da identidade humana moderna.

Assim, o autor mostra que a branquitude não apenas é um ideal de modelo social desenvolvido por povos eurocêntricos como forma de domínio cultural sobre demais povos, mas vai além das questões raciais e confere imanência mercantil aos significados étnicos da economia capitalista em sua essência.

Em outro momento, mas justificando a nocividade desse sistema por meio de seu manifesto, Paul Lafargue traz sua indignação sobre os excessos provenientes de uma "normalidade" no *ethos* capitalista em fins do séc. XIX, ao criticar formatos de um sistema em que à sua época as atividades de trabalho facilmente ultrapassavam as 12 horas diárias e inclusive crianças estavam à mercê das mesmas condições que os adultos, totalmente insalubres e sem qualquer tipo de assistência, sendo percebido como uma situação comum, absolutamente normal no inconsciente de maior parcela populacional. Desta forma, Lafargue (2005, pp. 4-5) diz que

> A moral capitalista, lamentável paródia da moral cristã, fulmina com o anátema o corpo trabalhador; toma como ideal reduzir o produtor ao mínimo mais restrito de necessidades, suprimir as suas alegrias e as suas paixões e condená-lo ao papel de máquina entregando trabalho sem tréguas nem piedade.

A branquitude denotada por ele é uma expressão cultural que permite condição de possibilidade para a emergência da Normose. Adotando padrões estéticos, econômicos e culturais, tidos como normais na sociedade ocidental – mais especificamente a eurocêntrica –, esta desenvolveu diversas formas de discriminação, preconceito e violência contra outras raças, por meio tanto da disseminação de seus valores e da inferiorização dos demais quanto da insegurança, por parte dos povos brancos contra outras culturas tidas como “inferiores” no seu seio societário. E por ser a cultura eurocêntrica o “padrão de excelência” como referência para as demais coisas no mundo, a discriminação de outros valores culturais é um reflexo imanente da branquitude.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se em um estudo de caso, posto que “um estudo de caso é uma história de um fenômeno passado ou atual, elaborada a partir de múltiplas fontes de provas, que pode incluir dados da observação direta e entrevistas sistemáticas [...]” (Freitas e Jabbour, 2010, p. 05). Portanto, na composição deste item de pesquisa, se faz também necessária muita atenção às questões que aparentemente se mostram como simples ou de pouca intensidade, mas ressalto aqui que assim como a Normose, nem tudo é o que realmente parece ou pode ser interpretado com pouca complexidade. Para tanto, lanço mão de duas estratégias para coleta e análise de dados, sendo a primeira as Entrevistas Narrativas, entendendo que

> [...] através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social (Jovchelovitch e Bauer, 2011, p.91).

Em tempo, “a narração não pretende, como a informação, comunicar o em-si puro do ocorrido, mas sim encarná-lo na vida do narrador para proporcionar a quem escuta o ocorrido como experiência” (Jay, 2009, p. 383, tradução nossa). “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (Benjamin, 1996, p. 198, *apud* Freitas, 2014, p.80). “Por isso, quanto mais se aproximam das histórias orais sem autoria, melhores são as narrativas [...]” (Freitas, *idem*). A pergunta generalizante realizada nas entrevistas narrativas foi: **A experiência com a pandemia de Covid-19 mexeu de muitas formas com as nossas vidas. Uma dessas mexidas aconteceu durante as aulas. Você poderia me contar sobre sua experiência no trato com as mudanças sentidas no seu cotidiano acadêmico?**

As entrevistas foram realizadas com três discentes selecionados a partir de critérios como: cursarem Pedagogia na UFPE e terem atravessado o período da pandemia fazendo uso exclusivo do modelo remoto, não possuírem reprovações curriculares até então, estarem desenvolvendo o último período na graduação e possuírem faixas etárias distintas, o que deverá trazer maior riqueza de informações e fidedignidade à proposta. Para tanto, me foi disponibilizada a sala de meu orientador nesta instituição de ensino objetivando que se pudesse realizar as entrevistas sem percalços, a fim de obter registros mais idôneos.

Nesta pesquisa, os *Informantes* – assim descritos por Jovchelovitch e Bauer (2011) – têm faixas etárias (37, 56 e 24 anos, respectivamente) e categorias econômicas distintas (todos são discentes, mas nem todos dependem de algum tipo de Bolsa remunerada), com gêneros e cores variando na proporção de duas para uma. Autodeclaradas duas pessoas negras e uma pessoa branca. Dois homens e uma mulher. Todos residem na Grande RMR (Região Metropolitana do Recife).

A segunda estratégia se deu por meio da Análise Discursiva, ciente de que nela

> O discurso, bem menos do que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade específica. A enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção dos sujeitos que aí se reconhecem (Maingueneau, 1997, p. 50).

Assim, sigo o intuito de garantir que esta pesquisa seja contemplada com o máximo de rigor científico possível e a sua culminância seja nada mais que o estupefaciente nascimento de um documento científico que possibilite trazer novos e pertinentes conhecimentos sobre o objeto contemplado neste estudo.

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo pois de acordo com Bauer, GasKell e Allum (2008, *apud* Souza e Kerbauy, 2017, p.31), “as investigações com enfoque qualitativo possibilitam a interpretação da complexidade de um determinado fenômeno social”, o que visa contemplar a percepção do autor sobre a Normose Informacional.

O recorte temporal utilizado nesta pesquisa se dará entre o período de suspensão das aulas presenciais e o seu respectivo retorno, ou seja, durante o período da pandemia de Covid-19. Para tratamento das informações, buscarei correlações entre três categorias de análise do objeto estabelecidas: **1) Experiência com o ensino remoto e uso de dispositivos eletrônicos**; **2) Fatores socioculturais** e **3) Percepção de suporte institucional**, buscando ampliar o entendimento sobre as caracterizações das condições normóticas e desta forma, identificando nas falas dos três *Informantes* as questões referentes a cada categoria de análise selecionada.

Nesse ínterim, caberá desenvolver alguns campos de discussão teórica que giram em torno da questão da Normose, a fim de buscar mais compreensão sobre como se desenvolve a lógica dos mecanismos que possibilitam seu surgimento.

4. ANÁLISE

Pretendendo conhecer mais sobre as caracterizações normóticas em discentes de Pedagogia na UFPE, busquei realizar as análises dos discursos por meio das Entrevistas Narrativas. As informações obtidas foram de extrema importância para desenvolver as inferências necessárias à compreensão da Normose Informacional, suas manifestações, seu percebimento (ou não) pelos discentes, de modo que os mesmos possam até nem se dar conta que são acometidos pela Normose.

Foi constatado que a movimentação técnico-burocrática adotada pela UFPE durante o período de pandemia envolvendo dispositivos eletrônicos que mediavam o processo de ensino-aprendizagem e sua consequente alta intensidade de utilização produziu efeitos normóticos nos discentes entrevistados. Infelizmente, não existem ainda estudos comparativos nesta área para que se possa realizar uma análise com mais profundidade no assunto em questão, sendo este um estudo pioneiro sobre como provavelmente se dão os surgimento e constatação da Normose Informacional em discentes de Pedagogia. Um fato notório percebido foi o de que a tecnologia é capaz de tirar o homem de sua própria condição de protagonista da sua existência.

A análise do Discurso realizada nas falas dos discentes revelou aspectos normóticos em todos os relatos, alguns mais e outros menos afetados, mas em graus de apreensão e estresse diferentes, mesmo que não identificado diretamente algum sintoma de adoecimento. Mas é válido lembrar que a Normose pode se manifestar ou não diretamente, posto que não atinge só quem se entristece/adoece. De acordo com minhas observações, quem não adoece está adaptado, e se adaptar a um sistema doente não obrigatoriamente significa sinal de saúde (Weil *et al*, 2003).

Perceber que o ambiente está hostil pode até ser uma sinalização de comportamento saudável; em contrapartida, entristecer ou mesmo adoecer a partir de um ambiente normótico pode sinalizar saúde. Subjetivamente, entender que o adoecimento normótico é a resposta daquele corpo que não se adequa aos padrões normais sociais. Outra contradição normótica. Em seguida, desenvolvo minhas percepções nas categorias de análise selecionadas.

4.1. Experiência com o ensino remoto e uso de dispositivos eletrônicos

Nesta categoria, busquei trazer informações percebidas que se relacionem com o que os discentes vivenciaram no período de ensino remoto, suas dificuldades, sensações e sentimentos relacionados à mudança para o formato *online*, bem como identificar padrões de uso dos dispositivos eletrônicos, seus tipos, o tempo gasto em telas. Os *Informantes* 1, 2 e 3 disseram que sentiram dificuldades para lidar com as tecnologias necessárias ao desenvolvimento das atividades. A exemplo da *Informante* 1, relatando que

> As aulas online eram textos demais, eram atividades excessivas, muitas exigências sem levar em conta que estávamos passando por um momento de muita fragilidade, de muito stress, de ter que apresentar trabalho, é, de casa, nem sempre poder abrir a câmera.

Os padrões de uso dos dispositivos percebidos nos *Informantes* se configuram a partir de que o excesso de manipulação diária dos mesmos estava presente, com exceção do *Informante* 2, deixando bem nítido que

> Foi a partir do exemplo dos jovens que eu via sobrecarregados, mais estressados que eu, a partir de observação do modo deles, da sobrecarga que eles tinham, eu não me deixei contaminar por isso, entendeu, que realmente a gente vê, que os jovens são sobrecarregados por isso, muito dependentes tecnologicamente, que isso é prejudicial, a gente vê né, então como a gente tem uma bagagem anterior bem maior, sem tecnologia, sem essas coisas, a gente, pra ativar o "modo sobrevivência", o que é que acontece, aí a gente vai, volta pro natural, então não me deixei contaminar, eu não me deixei contaminar pra, a partir do que eu via, é, o que os jovens estavam passando, entendeu?

Os tipos de dispositivos eram celulares *smartphones* com plataforma *Android* e *notebooks* ou *laptops*, sendo utilizados um por vez ou por vezes os dois ao mesmo tempo.

Nesta perspectiva, o *Informante* 2 percebeu que "inicialmente, a gente teve muita dificuldade por que não sabia fazer o manejo lá do, dos aplicativos, de como se inserir, como é que a gente ia falar, a gente ia se enrolando", ao passo em que o *Informante* 3 nos diz: "e também por que os professores, não tinham, é, esse manejo com o ensino remoto, então tava todo mundo aprendendo, então a qualidade, né, do ensino, ela deixou a desejar".

Também sobre os tempos de execução das atividades, o *Informante* 3 nos relata que "além disso, essa organização do tempo, foi dificuldades né, pra leitura, ela teve uma mudança, é, do presencial pro remoto, e desse remoto pra volta ao presencial." Perceber as dificuldades que se impuseram aos discentes no período pandêmico não foi algo difícil de captar. O *Informante* 3 nos mostra o quanto esse período foi prejudicial, quando diz que o processo desenvolveu "uma flexibilização tão grande, que acaba colocando em xeque o seu

processo formativo” , e aqui trago um exemplo do quanto a Normose já está entranhada nas vidas das pessoas, visto que elas acham normal e até apoiam algo que inicialmente traz desconforto, como o mínimo para discutir: “Mas depois que a gente viu que era viável, e a comodidade que deu né, por que a gente não saía do conforto da casa da gente, a gente poderia, era por um prazo determinado, então, em parte foi até bom” (*Informante* 2).

Esse discurso, em específico, demonstra a saturação normótica nos corpos e mentes a partir do momento em que o *Informante* elogia o formato de ensino utilizado para suprir as demandas, caracterizando uma Normose por não se dar conta do quão prejudicial para sua própria formação é o fato de a experiência das trocas entre professor e discente ser reduzida a um mero botão de liga/desliga.

Em outra passagem, o *Informante* 3 aponta as dificuldades de tempo, organização e, digamos, a formação de uma “conexão desconexa” àquela realidade:

> Tive dificuldade, além do tempo, e dessas questões de organização das atividades, do próprio processo de assistir a aula remotamente né, porque muitos alunos não ligavam as câmeras, então, ficava algo meio que desconectado, apesar de você estar conectado, no sentido técnico da coisa, mas os processos relacionais né, humanos, acabou a gente se desconectando né, um do outro, não tinha de fato, né, o olho no olho, era muito de olhar a figura do colega.

Mais à frente, e para ratificar a minha percepção de Normose nos *Informantes*, destaco outro trecho proferido pelo *Informante* 2:

> Mas quando a gente experimenta o novo e vê que o novo não é tão ruim quanto a gente imaginava, a gente vai se adaptando, vai se adaptando, pedindo ajuda dos colegas pra entender como é que é essa adaptação, e aí, a resistência vai, vai ruindo e a gente termina até gostando, algumas aulas que são mais interessantes *online* do que presenciais.

A seguir, na fala da *Informante* 1 percebe-se que o desânimo tomou conta: “Eu gostaria de ler por prazer novamente, e, antes eu lia por prazer, eu devorava livros em dois, três dias, eu gostaria de voltar a ler por prazer, não por obrigação”. Nesse sentido, o *Informante* 2 diz que se sentiu prejudicado “porque informação demais, pra mim também atrapalha, acho que informação demais atrapalha.”

É sobre isso, é sobre essa possibilidade, capacidade de adaptação e até percepção de algo predominantemente ruim, a exposição excessiva às telas e que geralmente se manifesta como algo positivo, que mascarando a existência da Normose a faz ser aceitável no contexto social. A Normose existe, independentemente de a pessoa apresentar sintomas de doença ou não. Quem adoece está mais sensível à Normose, e dentro dessa perspectiva,

isto pode até ser visto como um sinal de saúde. Mais um paradoxo normótico. A seguir, desenvolvo a análise da categoria de fatores socioculturais.

4.2. Fatores socioculturais

Nesta categoria, busco desenvolver as percepções dos entrevistados sobre como fatores sociais, culturais ou étnico-raciais podem ter influenciado a experiência durante o período de ensino remoto e como esses elementos podem estar relacionados à Normose Informacional. Para tanto, inicio esta categoria com uma fala da *Informante* 1, que traz ao mesmo tempo aspectos bons e ruins sobre aquele momento de estudos em sua residência:

> Mas era bom por que eu podia relaxar, podia estar com a família, né, eu podia estar com a minha mãe, eu não precisava ficar usando máscara dentro de casa... só que quando eu digo que o aproveitamento acadêmico não era muito bom, vamos lá, quando eu tava lendo, sempre tinha alguém junto de mim pra ficar falando, né, por que as pessoas não entendem que você está estudando, e então você quer silêncio, e as pessoas atrapalham, passava o carro do ovo, passava carro de tudo, briga de vizinho, e você lá, fazendo o maior esforço pra estudar, muitas vezes na hora de apresentar trabalho eu tinha que avisar, né?

É perceptível que essa movimentação em sua residência também trouxe desconfortos, apesar das comodidades de deslocamento. Por mais que se possa pensar que nossos lares sejam lugares ideais para estudos, esta fala diz o contrário do que se creia ser normal.

Nesta perspectiva, o *Informante* 3 traz uma fala bastante elucidativa:

> Mas na pandemia, acontecem várias coisas, tem questões familiares, tem as suas questões pessoais, enquanto pessoa, e tem também, as suas responsabilidades formativas, e administrar isso dentro da pandemia foi complicado.

Note-se que as questões de cunho social são sim muito influentes no que se refere também ao conforto de estudar em casa. É normal estudar em casa, mas por vezes essa normalidade também se demonstra capciosa. Assim, o *Informante* 2 diz que

> Depois, é, quando a gente foi se adaptando, também tinha assim né, passando, você estudando, aí passando o carro do ovo, passando as coisas, passando algumas distrações que, que na sala de aula não teria, e externo tinha, mas, foi um aprendizado, e foi gradativo, da resistência à aceitação.

E novamente “o carro do ovo” entra em cena para dificultar a concentração dos discentes. Esse processo gradativo que vai da resistência à aceitação é exatamente o que

pode desencadear uma situação de Normose nos mesmos, quando por vezes essa mesma aceitação pode demonstrar toxicidade.

A saturação daquelas condições de estudos se faz eminente quando a *Informante* 1 diz que

> Eu era mais sociável, eu conversava mais, eu fazia mais amizades e agora eu não sei o que é que deu que eu cansei, eu cansei, eu acho que eu fiquei tanto tempo em casa, na minha bolha, que, eu, eu cansei, às vezes de ouvir a voz das pessoas, eu acho que perdi o juízo.

Não me foi possível destacar nos discursos analisados alguma correlação mais sólida entre Normose Informacional e relações étnico-raciais, embora tenha sido realizada uma análise densa e aguda sobre os arranjos estéticos nas instituições da modernidade eurocentrada e a branquitude, informando que este recorte por si só não define a existência de alguma evolução normótica nesse sentido, posto que este trabalho abrangeu um número muito limitado de sujeitos e para além disto, o intervalo de pesquisa foi vertiginosamente reduzido em decorrência de flexibilizações no período da pandemia para dar conta de demandas institucionais, inviabilizando a execução de um estudo mais abrangente e refinado nesse sentido. A seguir, inicio a análise da categoria de percepção de suporte institucional.

4.3. Percepção de suporte institucional

Nesta categoria, busco explorar como os *Informantes* perceberam o suporte fornecido pela UFPE, incluindo suporte técnico, apoio psicossocial e comunicação com a comunidade acadêmica. Assim, a *Informante* 1 traz sua percepção sobre o suporte:

> Então o que eu tenho pra dizer sobre essa pandemia, é que ela foi muito séria. E que a UFPE não soube se organizar pra isso. E não cuidou da saúde mental dos alunos. Qual foi o serviço de saúde mental que teve disponível pros alunos? Houve divulgação se teve alguma coisa? Por que, tanta gente precisou... eu vi amigos quase cometerem atos assim... absurdos, sem ter suporte algum. Eu não vi suporte da UFPE. Eu vi pessoas terem crise de pânico, eu vi pessoas desistirem, e eu não vi suporte nenhum.

O *Informante* 3 percebeu que “a universidade não tinha experiência com atividade remota em grande escala”, o que o fez trazer reflexões de que

> Isso entra muito na lógica em que a universidade, ao menos em um consenso, dentro do nosso Centro de Educação, coloca enquanto um produtivismo que vem dessa lógica neoliberal, a gente acaba incutindo isso, dentro da gente, pra dar conta de uma demanda acadêmica.

A tristeza com o suporte oferecido pela UFPE vem à tona na fala do Informante 3, quando diz que

> Essa tristeza, ela se manifesta, ao ver que eu estava abrindo mão, é, da minha própria saúde física, emocional, em nome da minha saúde cognitiva, mas ao mesmo tempo, de não ver isso afetar apenas a mim, afetar aos meus colegas.

Em outra passagem, ele continua seu relato, destacando diversos pontos negativos que percebeu em relação ao suporte institucional:

> Quando o professor, ele tinha uma organização, é, e o excesso de leituras materiais, é, de propostas, e eu acho que pesou pra mim foi a carga horária, porque alguns professores, seguiam a orientação da reitoria né, de, ia até duas horas, no máximo, tinham uns professores que mesmo sabendo que, depois de duas horas, tava complicado tanto pra ele como pros alunos, seguiam a disciplina, então ficava enfadonho, cansativo demais pra poder seguir, você já não tinha concentração, e o que o professor tava falando você não conseguia assimilar, mas tinha que se manter lá pra poder marcar presença. Então, isso, o tempo né, em frente à tela, me afetou também, é, nesse sentido, de me concentrar, e a permanência né, tendo essa, essa duração dessa aula mais de duas horas, duas horas já era cansativo, e mais que isso, acabou ficando insuportável. E, alguns professores né, tendo que passar atividades assíncronas, ocupavam o tempo do momento síncrono com a aula, o que obviamente era compreensível, mas no momento assíncrono com a sobrecarga de atividades e encaminhamentos, então isso pra mim não foi um modo interessante, até o modo como os professores geriram essa organização das disciplinas. Então, essa somatória, acaba sobrecarregando você.

Fica o registro de uma insatisfação muito grande com o formato desenvolvido para suprir as lacunas educacionais que a experiência da pandemia mobilizou, e essa insatisfação aparece traduzida nas diversas passagens das falas que aqui elenco. Nas entrevistas, nos momentos em que encerrei as gravações e parti para conversas informais, todos *Informantes* relataram não perceberem suporte técnico ou apoio psicossocial. Confirmei essas faltas quando, novamente, busquei informações em meu e-mail institucional (desde o início do curso, nunca fiz alguma limpeza em qualquer das suas caixas, ou de entrada, ou de saída, ou de rascunhos, nada) e não localizei qualquer mensagem correlata. Ao encerramento das discussões, teço minhas considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo trazendo a percepção de que além de elementos da Normose Informacional verificados na análise dos discursos destacados, minhas reflexões permitiram interpretar não só o adoecimento/entristecimento (ou não) nos discentes.

As análises realizadas nas entrevistas narrativas apontaram para a existência de manifestações da Normose Informacional em discentes de Pedagogia à época da pandemia, em especial pela constatação de um sintoma muito peculiar envolvido com a evolução da Normose encontrado nos discursos, a anedonia, condição que se manifesta como "interesse diminuído ou perda de prazer na realização das atividades" (Oliveira, 2013, p.05). De fato, os sujeitos desta pesquisa não desenvolveram ansiedade/depressão durante o período em questão, mas existem fortes indícios de que desenvolveram anedonia – um sintoma característico de condições patológicas como ansiedade/depressão por mim sentidas e presente nas falas dos *Informantes* – em algum momento e isso pode ser associado à Normose Informacional.

A UFPE, obedecendo a lógica produtivista de uma sociedade capitalista neoliberal, não conseguiu acolher efetivamente seu corpo discente à época da pandemia, assim como boa parte dos professores não conseguiu desenvolver a sensibilidade necessária sobre a questão estudantil. Desta forma, preferiu comprimir o cronograma das suas atividades para não “perder” o tempo que passou paralisada, reorganizando o calendário acadêmico em três períodos anuais. Em outra oportunidade, numa conversa com minha professora da disciplina de TCC 2, ela relatou sofrer com as demandas ainda mais excessivas por causa desse formato de ensino. Assim, compreendo que ela também é afetada pela Normose, mesmo que não apresente sintomas patológicos como ansiedade ou stress.

A instituição de ensino em questão preza tanto pelos valores técnico-burocráticos que foi incapaz de admitir que “perdeu tempo” para a pandemia, sem efetivamente se importar com o bem-estar de sua comunidade – saliento aqui que durante o período de pandemia, não identifiquei em minha caixa de mensagens o recebimento de ao menos um e-mail institucional com propostas ou sinalizações a respeito de algum amparo institucional fornecido aos discentes sobre questões de acolhimento ou alguma proposta nessa perspectiva em direção ao enfrentamento dos mais diversos conflitos gerados pela pandemia –, visando a egoística normalização de seus expedientes – ou seja, produtividade –, além de adotar o ensino remoto como estratégia paliativa de desenvolver seu calendário, incluindo mais um período de atividades na grade de seu ano letivo.

A experiência que se está vivendo a partir da pandemia tem que entrar no âmago das relações pedagógicas. O distanciamento entre Educação e Vida é tão assombroso que alguns professores continuaram desenvolvendo suas práticas centradas no “modo

informação”, mesmo que uma pandemia estivesse em curso, pois o que realmente importava era desenvolver normalmente as atividades acadêmicas, a qualquer custo.

> Assim, é essencial que todo o profissional de educação entenda as transformações do nosso tempo para se posicionar adequadamente nos espaços públicos onde atua, de forma consciente e sabedor do que estas transformações representam para ele e para todos que gravitam em torno dele, pois os problemas e o enfrentamento dos desafios decorrentes da presente realidade são questões relevantes para solucionar o que é considerado socialmente necessário (Roratto, 2010, p. 520).

Sobre a Normose, entendo que além das condições desenvolvidas e aqui descritas através das Entrevistas Narrativas, também existe a sensação de privação de liberdade. A pessoa não consegue se identificar consigo mesma estando em um contexto “normal” e isso a torna refém de sua própria condição. Sobre isso, Freire (2000, p. 50, grifo do autor) nos diz que "toda vez que se suprime a liberdade, fica ele [o homem] um ser meramente ajustado ou acomodado”, remetendo-o a uma insuspeita condição normótica.

O entrelaçamento de perspectivas realizado nas análises dos discursos através das respectivas categorias de análise me permitiu traçar algumas considerações sobre o objeto: 1) Não é, de modo algum, fácil tarefa identificar a Normose, já que se trata de um conceito abstrato que comporta inúmeras subjetividades e o seu processamento requer um nível de abertura de consciência potente e flexível, a fim de que se possa dialogar com alguma perspectiva de superação da sua condição em discentes, como é o caso; 2) Além das dificuldades já relatadas, o que passa é que uma cultura que “entrega” um produto que fragiliza corpo e mente mas ainda é percebida como problema necessário deveria ser objeto de mais estudos e potencial campo de diálogo sobre os limites do que é bom e faz bem ou do que é mau e faz mal e seus reflexos nas diferentes matizes sociais; 3) É terminantemente paradoxal que eu esteja desenvolvendo um alerta sobre como de alguma forma perceber os efeitos nocivos mas normalizados do uso excessivo de telas, enquanto utilizo uma tela para desenvolver a publicização deste trabalho; 4) Weil (*et al*, 2003) sugere uma Normoterapia para o enfrentamento dessas condições, o que aqui não exploro seu potencial a fim de que essa oportunidade de pesquisa possa ser direcionada para o desenvolvimento de pesquisas em uma eventual pós-graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** Outra travessia, Ilha de Santa Catarina – 2º semestre de 2005.

ALVES, E. N. P.; BEZERRA, S. F.; SAMPAIO, D. A. **Ansiedade de Informação e Normose:** as síndromes da sociedade da informação. Biblionline, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 130-139, 2015.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In:_____. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

BENJAMIN, W. "Experiência e pobreza"; "O narrador"; "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". *In*: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras escolhidas v. 1)

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

BRASIL. Parecer CNE/CP Nº 5/2020, de 28 de abril de 2020. **Dispõe sobre a Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1º/6/2020, Seção 1, Pág. 32. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 26 mar. 2023.

CORREIA, E. S. **Ansiedade e comportamento informacional dos estudantes de Biblioteconomia**: análise sobre o uso do instagram e o excesso de informação. Orientação: Gabriela Belmont de Farias. 2022. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Graduação em Biblioteconomia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

COSTA, T; SANTOS, S. R. dos; ALBUQUERQUE, S. G. E., OLIVEIRA, H. P. C.; COELHO, H. F. C. **Ansiedade de Informação em Universitários de Enfermagem no Contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação**. *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, vol. 16, dezembro de 2022.

CREMA, R. **Normose:** a patologia da normalidade. TEDxLaçador, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qeAnV_53qNc&t=13s>. Acesso em: abr. 2019.

DUSSEL, E. **1492, o encobrimento do outro:** a origem do mito da modernidade. Conferências de Frankfurt, tradução Jaime A. C. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

ECHEVERRÍA, B. Imágenes de la "Blanquitud". *in*: LIZARAZO, D; *et Al*: ***Sociedades Icónicas. Historia, Ideología y Cultura em la Imagen***. *Siglo* XXI, México, 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 24ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREITAS, T. M. G. de. ***Erfahrung* e *Erlebnis* em Walter Benjamin**. Revista Garrafa, Rio de janeiro: número 33, janeiro – junho, p. 72 – 87, 2014.

FREITAS, W. R. de S; JABBOUR, C. J. C. **O Estudo de Caso(s) Como Estratégia de Pesquisa Qualitativa:** Fundamentos, Roteiro de Aplicação e Pressupostos de Excelência. XXX Encontro Nacional de Engenharia da Produção, São Carlos, SP: 2010.

JAY, M. ***Cantos de experiencia:*** *variaciones modernas sobre un tema universal. – 1ªa ed. – Buenos Aires: Paidós*, 2009.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs**.); Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAFARGUE, P. **O Direito à Preguiça**. eBooksBrasil.com: PDF, fev. 2005.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. 4. Ed., 1ª imp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

MESQUITA, R. ***Descolonización y Articulación Pedagógica***. *1ª ed. - Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata,* 2022*.*

OLIVEIRA, E. N. **Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia**. Monografia de graduação em Medicina, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013, 54 p.

ONU. **Pandemia de Covid-19 gerou alta de 25% dos casos de ansiedade e depressão**. ONU News, [s.l.], 02 mar. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/03/1781502>. Acesso em: 11 mar. 2023.

RANCIÉRE, J. **A partilha do sensível:** estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. – São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.

RORATTO, J. M. **Modernidade, pós modernidade e os reflexos na educação**. Educação, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 519-532, set./dez. 2010.

SILVA, L. B. de C. **Subjetividade como mercadoria e a doença normótica**. São Paulo: IDE, ago. 2017.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J.; VICENTIM, J. M.; BARBOSA, D. P. **Transformações na sociedade e no mercado de trabalho:** a inserção do profissional de turismo no cenário pós-pandemia do Covid-19. Observatório de Inovação do Turismo - Revista Acadêmica, Vol. XVI, n° Especial, dezembro – 2020.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. **Abordagem quanti-qualitativa**: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017.

UNINTER. **5 vantagens do ensino a distância durante o isolamento social.** Disponível em: <https://deolhonofuturo.uninter.com/vantagens-do-ensino-a-distancia/>. (s.l.), 2020. Acesso em: 23 mar. 2023.

WEBER, M. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEIL, P. **A Normose Informacional.** Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 61-70, maio/ago. 2000.

_____.; LELOUP, J.- Y.; CREMA, R. **Normose:** A patologia da Normalidade. Brasília, DF: Vozes, 2003.